

O *Lógos* entre os Efésios: fundamentos filosóficos da doutrina do *lógos* em Heráclito

The Lógos among the Ephesians: philosophical foundations for the doctrine of the logos in Heraclitus

LUCIA CAVALCANTE REIS ARRUDA *

DOM TOMÁS PERES, OSB **

Resumo: O presente artigo tem por escopo discorrer sobre a origem e o fundamento do termo *lógos* e a sua relação ao *Lógos*, refletido pelo filósofo Heráclito, com o intuito de pontuar a possível influência sobre São Paulo, ao escrever, no cativeiro, a sua Carta aos Efésios, em que o *Lógos* se reporta ao Deus Cristão, e, dirigida à região do pré-socrático. A intenção é a de cercar-se de uma perspectiva filosófica presente na Carta do Apóstolo; a partir de um breve percurso na expansão do termo *lógos* – em referência à exposição de alguns filósofos (Platão, Aristóteles, Hegel e Heidegger) –, para evidenciar o seu emprego em quatro perícopes da referida Carta, por sua finalidade de cristianizar o *Lógos* heraclítico no próprio Verbo de Deus.

Palavras-chave: *Lógos/lógos*. Heráclito. Fragmentos. Efésios. Princípio. São Paulo.

Abstract: The scope of this article is to discuss the origin and foundation of the term *logos* and its relation to *Logos*, reflected by the philosopher Heraclitus, aiming to point out the possible influence over Saint Paul, while

* Lucia C. Reis Arruda é Doutora em Filosofia pela UFRJ; Mestre em Filosofia pela PUC-RJ, Graduada em Filosofia pela PUC-RJ (Bacharelado e Licenciatura). Cursos livres no exterior (Strasbourg: Université Strasbourg II, atualmente Marc Bloch; Paris: Université Paris-Sorbonne Paris IV; Université Paris VIII Vincennes – Saint-Denis e Collège de France). Contato: filosofia.ra.lucia@gmail.com.

** Dom Tomás Peres é Mestrando em Filosofia pela UFRJ; Especialista em Gestão Estratégica pela UFF; Bacharel em Teologia e Licenciado em Filosofia pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. É monge beneditino e professor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. Contato: d.tomas@corporativo.msbrj.org.br.

he wrote, in captivity, his Letter to the Ephesians, in which the *Logos* refers to the Christian God, and was addressed to the pre-Socratic region. The purpose is to broach a philosophical perspective present in this Letter of the Apostle, based on a brief view of the expansion of the term *logos* – referring to the exposition of some philosophers (namely Plato, Aristotle, Hegel, and Heidegger) –, in order to highlight its use in four biblical passages contained in the aforementioned Letter, considering Saint Paul's purpose of Christianizing the *Logos* of Heraclitus as the very Word of Lord.

Keywords: *Logos/logos*. Heraclitus. Fragments. Ephesians. Principle. Saint Paul.

O início do prólogo do Evangelho segundo São João poderia, talvez, ser apontado como um dos textos bíblicos mais paradigmáticos do Novo Testamento. A clássica fórmula ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος – “No princípio era o Verbo” (Jo 1,1)¹, aos olhos da Teologia, leva o leitor à recordação do versículo inaugural da Sagrada Escritura, no livro do Gênesis: “No princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gn 1,1). Na leitura de um filósofo, entretanto, esse breve trecho contém dois conceitos amplamente empregados na história da Filosofia: ἀρχῇ (*arké*) e λόγος (*lógos*). É curioso notar que é possível que São João tenha escrito seu Evangelho precisamente quando estava na importante província romana de Éfeso. A partir desse trecho, enfim, a tradição cristã passa a identificar o termo grego *lógos* com o próprio Jesus Cristo, Verbo de Deus.

Também São Paulo, em sua Carta aos Efésios – tema central deste dossiê da Revista Coletânea – emprega o termo *lógos* em quatro perícopes desse texto: 1,13; 4,29; 5,6; e 6,19. Merece destaque a primeira dentre essas menções, onde o Apóstolo afirma que os efésios ouviram a Palavra da Verdade – τὸν λόγον τῆς ἀληθείας (Ef 1,13). Ao qualificar esse *lógos* como verdadeiro, São Paulo parece querer trazer à mente de seus destinatários uma distinção elaborada em primeiro lugar pelo filósofo pré-socrático Heráclito de Éfeso, para quem o *lógos* humano deveria se aproximar do *Lógos* divino para alcançar a verdade: um autêntico *homologar*.

1 Todas as citações bíblicas empregadas neste artigo são retiradas da BÍBLIA de Jerusalém. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2002.

Mediante tal motivação, o objetivo deste artigo é apresentar os fundamentos da doutrina do *lógos* em Heráclito, grande iniciador do pensamento sobre esse termo, a fim de que se possa apreender uma perspectiva filosófica do texto da Carta aos Efésios. Para tanto, inicialmente serão expostos os dados biográficos fundamentais sobre Heráclito, de maneira a situar o ambiente cultural do autor. Em seguida, serão relacionados os principais conceitos heraclitianos e sua irradiação entre alguns importantes autores da história da Filosofia. O centro argumentativo deste texto, no entanto, é sua terceira parte, onde serão destacados os principais aspectos e comentários sobre a doutrina do *lógos* segundo esse autor, concluindo-se com uma breve análise das ocorrências do termo *lógos* na Carta aos Efésios.

Heráclito de Éfeso: a formação do filósofo

Nascido na cidade de Éfeso, na costa da Jônia – à época sob o domínio persa (BERNHARDT, 1973, p. 35) – Heráclito alcançou seu acme durante a 69ª Olimpíada, ou seja, é provável que ele tivesse cerca de quarenta anos entre 504 e 501 a.C. Embora as informações biográficas sejam refutadas como provavelmente fictícias (HUSSEY, 2008, p. 139), não deixa de ser interessante o traço do temperamento de Heráclito apresentado por Diógenes Laércio (1997): “era mais altivo que qualquer outro homem e olhava a todos com desdém” (p. 251); e ainda: “tornou-se misantropo e se afastou do convívio humano, passando a viver nas montanhas, alimentando-se de ervas e verduras” (p. 251). Por outro lado, Teofastro, discípulo de Aristóteles, caracteriza-o como *melancólico* – que significa, na realidade, *impulsivo* – (REALE, 2012, p. 63), autor que deixa inacabada sua obra e mostra-se dado a contradições; enquanto a tradição grega o reconhecerá com o epíteto de *Ho Skoteinós* – *o obscuro*, em virtude da maneira hermética como escreveu seu texto.

Heráclito teria pertencido a uma família aristocrática de Éfeso (BRUN, 1991, p. 41), chegando mesmo a ser considerado como membro da linhagem dos Andróclides – Ândrocles teria sido o fundador lendário de Éfeso –, o que lhe possibilitaria direito ao título honorífico de rei. Contudo, decide se afastar da vida política após experimentar dissabores, terminando por vociferar contra seus concidadãos, seguindo seu típico estilo: “Os efésios deveriam todos enforcar-se, e suas crianças deveriam abandonar a cidade, pois expulsaram a Hermodoro, o mais valoroso dentre eles” (frag. 121)².

2 Para os fragmentos do texto de Heráclito, utilizou-se a tradução do Prof. Gerd BORNHEIM (1985).

Embora não se tenha dados seguros quanto à sua formação filosófica, é possível identificar alguns autores a partir de seus próprios fragmentos. Parece ter travado conhecimento com a doutrina dos milésios, pois testemunha que Tales fora o primeiro homem a pesquisar sobre os astros (frag. 38). Xenófanes (suposto mestre de Parmênides) e Hecateu (continuador do trabalho de Anaximandro) são mencionados no fragmento 40. Pitágoras, embora tenha encontrado registro nos fragmentos, não gozou da mesma sorte, sendo taxado como “ancestral dos charlatães” (frag. 81). Ainda assim os poetas permanecem como alvo principal dos ataques de Heráclito: “Homero deveria ser expulso dos jogos públicos e ser castigado. Também Arquíloco” (frag. 42)³; e “A maioria tem por mestre Hesíodo. Estão convictos ser o que mais sabe – ele, que não sabia distinguir o dia da noite” (frag. 57).

Fato marcante da trajetória de Heráclito teria sido sua ligação com o Templo de Ártemis – ou de Diana, deusa da caça – localizado nos arredores de Éfeso. Segundo Diógenes Laércio (1997), o autor teria depositado sua obra *Sobre a Natureza* no templo dessa deusa, o que aponta sua ligação com o sagrado. De fato, Heráclito repete em seus fragmentos que ele apenas reproduz o *Lógos* que está para além dele mesmo. Obra escrita sob a forma de aforismos, recordando o estilo oracular, seu caráter enigmático pode ser interpretado como uma tentativa de evitar falsas compreensões do texto, permitindo sua interpretação apenas a um seleto grupo de iniciados (REALE & ANTISERI, 2003, p. 22). A obra seria composta de três partes distintas: (i) Do Universo; (ii) Da Política; e (iii) Da Teologia. Não deixa de ser notável o fato de que mais de cem desses fragmentos chegaram até os dias atuais, o que pode indicar a ampla circulação de seu pensamento nas mais distintas correntes filosóficas.

Heráclito, pelo que foi visto, parece ter sido próximo às manifestações religiosas, mas afasta-se de uma forma de religião do senso comum: “Dirigem também suas orações a estátuas, como se fosse possível conversar com edifícios, ignorando o que são os deuses e os heróis” (frag. 5b). É possível supor que tenha sido influenciado pelo zoroastrismo (BERNHARDT, 1973, p. 35), sendo razoáveis os indícios para tanto. Para o zoroastrismo, há um princípio dualista no cosmos: o bem e o mal, ambos criados por um deus supremo e único. Bem e mal estariam em constante movimento conflituoso, sempre em meio a alterações. O fogo, por sua vez, assume lugar preponderante na forma

3 É interessante notar também o desdém de Heráclito por Homero, expresso no fragmento 56: “Os homens se enganam no conhecimento das coisas visíveis, como Homero, o mais sábio dos helenos. Pois também àquele enganavam os jovens, quando catavam piolhos e diziam: tudo o que vimos e pegamos, nós abandonamos; tudo o que não vimos nem pegamos, levamos conosco”.

de culto dessa religião. Assim, antagonismo de opostos, unidade absoluta e a presença do elemento fogo são características que reforçam a tese da ligação de Heráclito ao zoroastrismo (BARADO, 2014).

Princípios filosóficos heraclíticos e sua irradiação

Muito embora Heráclito seja conhecido pelo famoso dito “*παντα ρει – tudo flui*”, tal ideia da mobilidade contínua é apenas o ponto de partida de seu pensamento (COPLESTONE, 2021, p. 56). Essa expressão – registrada no *Crátilo*, de Platão (402a), e não nos fragmentos de Heráclito – foi compreendida por seu discípulo Crátilo e desenvolvida por Simplicio. Mas, em Heráclito, tudo flui; ele é o filósofo do devir, do movimento (do mobilismo), que é fixo para não deixar de sê-lo. Só o devir das coisas é permanente, no sentido de que as coisas não têm realidade senão justamente no perene devir. Por isso é considerado o precursor da dialética. “Tudo se faz por contraste; da luta dos contrários nasce a mais bela harmonia” (frag. 8). Precisamente aí encontra-se o uno. É na síntese dos opostos que está o princípio que explica toda a realidade e é exatamente nisso que consiste o divino. Ele é a harmonia dos contrários, a unidade dos opostos.

Talvez esse lema heraclítico – tudo flui – tenha sido fruto da interpretação de seu célebre fragmento 91: “Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio. Dispersa-se e reúne-se; avança e se retira”. Uma marca importante desse autor, na verdade, é sua tendência de trazer a reflexão filosófica para dentro do próprio homem: “A todos os homens é permitido o conhecimento de si mesmos e o pensamento correto” (frag. 116); e “Eu me procurei a mim próprio” (frag. 101). Ao repetir em seus fragmentos que os homens levianos contemplam a natureza sem compreendê-la de fato, Heráclito parece abrir caminho para uma ponte entre a cosmologia e o pensamento sobre o exercício da razão⁴. Seja essa doutrina própria de Heráclito ou tenha vindo de seus discípulos, *os heraclitizantes*, seria um reducionismo considerar apenas essa sua perspectiva.

Tal visão de mundo onde toda a realidade está em movimento e o devir é uma constante, leva Heráclito a perceber uma unidade fundamental: “Correlações: completo e incompleto, concorde e discorde, harmonia e desarmonia, e de todas as coisas, um, e de um, todas as coisas” (frag. 10). É

4 Apesar da leviandade dos homens do senso comum, Heráclito afirma a possibilidade do conhecimento: “o pensamento é comum a todos” (frag. 113), mas, na segunda parte do fragmento 2, coloca: “o vulgo vive como se cada um tivesse um entendimento particular”. E, “A natureza ama esconder-se” (frag. 123).

possível observar uma tentativa de compreender a unidade na pluralidade, perceber como a realidade se manifesta de múltiplas formas, enquanto se mantém a mesma a partir de um olhar mais perspicaz. Embora não proclame um monismo radical, como o do ser em Parmênides, Heráclito prefere voltar sua atenção para a unidade profunda das forças que entram no jogo do cosmos.

O cosmos nasce do fogo e pelo fogo é consumido, num ciclo que se repete pela eternidade. Daí o comentário de Aristóteles: “Concordam todos em que o mundo foi gerado; [...] destruindo-se, alternadamente é ora assim, ora de outro modo, como Empédocles e Heráclito de Éfeso” (*Do Céu*). E adiante acrescenta: “Heráclito assevera que o universo ora se incendeia, ora de novo se compõe do fogo, segundo determinados períodos de tempo, na passagem em que diz ‘acendendo-se em medidas e apagando-se em medidas.’” O Estagirita aqui se refere ao fragmento 30.

Heráclito percebe, contudo, que essa unidade manifesta na diferença, a harmonia criada pelos opostos, não é facilmente compreendida: “Eles não compreendem como, separando-se, podem harmonizar-se: harmonia de forças contrárias, como o arco e a lira” (frag. 51). Tem-se a impressão, a partir de alguns fragmentos, que o Efésio se exalta contra aqueles que desejam encontrar a estabilidade sem conflitos, mostrando-se duramente crítico à doxa (CASERTANO, 2011, p. 103). Para ele, o movimento contínuo da realidade se produz exatamente mediante tais conflitos e é precisamente desse movimento conflituoso que se origina a identidade dos antagonistas.

Para representar a *arké*, o princípio originante do cosmos, Heráclito elege o fogo – como dito antes – com todo o simbolismo de movimento constante e, ao mesmo tempo, sua capacidade de multiplicar-se e de unir-se guardando sempre as mesmas características: unidade e movimento constante. Afirma o autor: “Este mundo, igual para todos, nenhum dos deuses e nenhum dos homens o fez; sempre foi, é e será um fogo eternamente vivo, acendendo-se e apagando-se conforme a medida” (frag. 30). Embora aqui o fogo seja um elemento físico, não seria razoável compreendê-lo simplesmente na perspectiva química, pois será possível pensá-lo em conjunção com outras noções, especialmente em relação ao próprio *lógos*, como será apresentado mais adiante.

Sob uma perspectiva ético-política, é possível identificar algumas linhas de pensamento heraclíticas, segundo Kirk *et al* (2013). Considerando que, para o autor, a alma é capaz de se desenvolver, ou seja, de aprofundar-se, a primeira orientação faz eco ao célebre *Conhece-te a ti mesmo*, do Templo de Delfos: “Eu me procurei a mim próprio” (frag. 101). O ideal do autoconhecimento mostra-se como primeiro passo para afastar-se do senso comum, da opinião dos que vivem como se estivessem dormindo: “o vulgo vive como se cada um tivesse

um entendimento particular” (frag. 2). É necessário, portanto, ultrapassar o sensível e particular para pensar em conformidade com a razão universal: “a sabedoria consiste em dizer a verdade e em agir conforme a natureza, ouvindo a sua voz” (frag. 112).

Como mencionado antes, a grande quantidade de fragmentos do texto de Heráclito que sobreviveu ao decurso do tempo, mostra a penetração do pensamento desse autor na história da Filosofia. A influência da doutrina do *lógos* entre os autores cristãos será tratada na próxima seção. Autores como Nietzsche, muito embora tenham sido profundamente influenciados pelo pensamento de Heráclito, não serão abordados neste artigo, porque seu alcance está para além do tempo da carta aos Efésios. Por ora, basta recordar as influências do pensamento de Heráclito em Platão e nos Estoicos, dois grandes marcos do pensamento ocidental e, em certo sentido, importantes influências filosóficas de São Paulo (SILVA, 2021).

Segundo a tradição, Platão, antes de conhecer Sócrates, teria sido aluno do heraclitiano Crátilo. Essa influência marca o pensamento do autor, fazendo com que a tese do mobilismo de Heráclito seja aplicada por ele para explicar a mudança no mundo sensível, enquanto reserva o repouso de Parmênides para demonstrar o mundo inteligível. Diógenes Laércio (1997), talvez na tentativa de conciliar esses dois ramos das influências platônicas, atesta que Platão “passou a seguir Crátilo, adepto da filosofia de Heráclito, e Hermógenes, praticante da filosofia de Parmênides” (p. 86). Aristóteles, em sua *Metafísica*, apresenta um retrato de Platão e sua fonte, Heráclito, da maneira que se tornou mais emblemática: “Platão, com efeito, tendo sido desde jovem amigo de Crátilo e seguidor das doutrinas heraclitianas, segundo as quais todas as coisas sensíveis estão em contínuo fluxo e das quais não se pode fazer ciência, manteve posteriormente essas convicções” (A,6 987a 30). Tal passagem traz à mente a ideia contida no fragmento 3: “(O Sol tem) a largura de um pé humano”.

A cosmologia dos estoicos, por sua vez, novamente ecoa o pensamento de Heráclito. Para essa escola, o *lógos* – força racional que se identifica à natureza – é o princípio gerador da forma de cada corpo. De maneira mais precisa, o *lógos* é o fogo ou sopro incandescente que permeia toda a realidade (REALE & ANTISERI, 2003, p. 284). A alma humana mostra-se então como fogo, ou melhor, uma parte do fogo cósmico, que constitui e rege toda a natureza. A esse ponto, fica clara a influência tanto de Heráclito sobre os estoicos, como também destes sobre o pensamento cristão⁵. Heráclito também influencia o ideal estoico de conformação à natureza e à razão universal: como parte do cosmos, o homem

5 Cabe sublinhar que, na Sagrada Escritura cristã, a representação do Espírito Santo – terceira Pessoa da Santíssima Trindade – ora se oferece como sopro (por exemplo, em Jo 20,22), ora como fogo (como em At 2).

deve se conformar ao destino reservado a cada um. A aproximação dos conceitos de fogo e *lógos* (como razão universal) nos estoicos é, portanto, um sinal da influência de Heráclito.

Não seria possível encerrar o panorama da irradiação do pensamento de Heráclito sem considerar Hegel e Heidegger. Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) distinguiu-se pela elaboração de um sistema filosófico baseado na dialética; não mais aquela clássica dos diálogos platônicos e a compreensão aristotélica de diálogo⁶, mas uma dialética baseada na conciliação dos opostos, à qual a tradição posterior denominou com o trinômio tese-antítese-síntese. Kojève (2014), notável comentador de Hegel, destaca que, nesse autor, a dialética não figura como um simples método, mas sim como a natureza própria da realidade. Com isso, Hegel resgata o pensamento de Heráclito, traduzindo-o na forma do discurso científico moderno. O próprio autor explicita sua admiração por Heráclito e o menciona como fonte de seu pensamento:

Heráclito concebe o próprio absoluto como processo, como a própria dialética. A dialética é a) dialética exterior, um raciocinar de cá para lá e não a alma da coisa dissolvendo-se a si mesma; b) dialética imanente do objeto, situando-se, porém, na contemplação do sujeito; c) objetividade de Heráclito, isto é, compreender a própria dialética como princípio. É o progresso necessário, e é aquele que Heráclito fez. O ser é o um, o primeiro; o segundo é o devir – até esta determinação avançou ele. Isto é o primeiro concreto, o absoluto enquanto nele se dá a unidade dos opostos. Nele encontra-se, portanto, pela primeira vez, a ideia filosófica em sua forma especulativa; o raciocínio de Parmênides e Zenão e como tal criticado. Aqui vemos terra; não existe frase de Heráclito que eu não tenha integrado em minha *Lógica* (HEGEL, 1999, p. 102).

Notável também é a referência que Hegel faz, mais adiante, ao pensamento de Heráclito em sua *Lógica*, quando trata da explicação do *princípio lógico*:

6 Importa acentuar que nesta tradição se trata da dialética em sua origem: “no significado de arte real da discussão, de uma discussão entre duas ou mais pessoas vivas, não excogitadas por uma invenção literária”, segundo Giorgio Colli, em sua obra *O Nascimento da Filosofia* (p. 61). É adiante o autor acrescenta, como exemplo: “na base dos Tópicos aristotélicos [...] o interrogante propõe uma pergunta em forma alternativa [...] apresentando os dois termos de uma contradição. O respondente adota um dos dois termos, ou seja, afirma com sua resposta que este é o verdadeiro, faz uma escolha. Essa resposta inicial é denominada a tese da discussão: a tarefa do interrogante é demonstrar, deduzir a proposição que contradiz a tese. Deste modo alcança a vitória, pois, ao provar ser verdadeira a proposição que contradiz a tese, demonstra ao mesmo tempo a falsidade da tese, isto é, refuta a afirmação do adversário, que estava expressa na resposta inicial” (p. 63-64).

Da harmonia faz parte determinada oposição, seu oposto, como na harmonia das cores. A subjetividade é o outro da objetividade, não de um pedaço de papel [...], deve ser seu outro, e nisto reside sua identidade; assim cada coisa é o outro do outro enquanto seu outro. Este é o grande princípio de Heráclito (HEGEL, 1999, p. 105).

Martin Heidegger (1889-1976), por sua vez, enxerga nos filósofos primeiros – Anaximandro, Parmênides e Heráclito – a concepção da verdade como des-velamento do ser, *a-létheia*. Em sua conferência *Que é isto – a Filosofia?*, Heidegger emprega o verbo *homologeïn*, do fragmento 50 de Heráclito: “É sábio que os que ouviram, não a mim, mas às minhas palavras (*lógos*), reconheçam (*homologeïn*) que todas as coisas são um”⁷. Heidegger defende, portanto, que para pensar o ser, é necessário corresponder ao *Lógos*. Diz ele que é possível resumir as principais significações e os diversos sentidos do verbo grego *légeïn* em três grandes grupos: (i) na forma transitiva: deitar, colocar na cama; na forma reflexiva: deitar-se, ficar inativo; (ii) juntar, pousar, recolher, escolher, reunir, contar, enumerar, narrar; (iii) dizer, falar, declarar, anunciar, significar, nomear, designar, ordenar e exortar. Heidegger salienta, então, que o *légeïn* de Heráclito se refere ao terceiro grupo, significando que tal enunciação traz consigo o ordenamento.

A doutrina do *Lógos* em Heráclito

É possível identificar alguma referência – ainda que indireta – ao *Lógos* em mais de vinte fragmentos de Heráclito. Talvez isso leve alguns comentadores a afirmar que esta é sua doutrina mais completa e bem desenvolvida. Inicialmente, é preciso buscar interpretar o que Heráclito entende por *Lógos*, uma vez que não há comentários do próprio autor acerca do sentido de seus fragmentos. O caminho mais seguro parece ser aquele indicado por Kahn (2009): “Qualquer abordagem lúcida [de Heráclito] será hermenêutica, o que simplesmente significa dizer que devemos fornecer uma moldura dentro da qual Heráclito é passível de fazer sentido e que o melhor é que tenhamos consciência do que estamos fazendo” (p. 108).

Segundo Casertano (2011), Heráclito está ciente da polissemia do termo *Lógos* e, seguindo seu estilo oracular, ele utiliza o mesmo termo

7 Esse importante fragmento é traduzido de distintas maneiras, que podem auxiliar na compreensão do pensamento de Heráclito. Na tradução de José Cavalcante de Souza, para a Coleção *Os Pensadores*, Pré-socráticos: “Não de mim, mas do *lógos* tendo ouvido é sábio homologar tudo é um”. Segundo a tradução de Emmanuel Carneiro Leão, na obra de Heidegger: *Heráclito, fragmentos, origem do pensamento*: “Sábio é concordar com o *lógos*: todas as coisas são um”.

empregando a variedade de sentidos para tornar a hermenêutica de seu texto mais exigente. Para Frère (2004), ao contrário, o Efésio usa, na maior parte dos casos, o termo *lógos* com o sentido único de *discurso* ou *fala*, sem referência à possível polissemia da palavra. Hussey (2008) parece concordar com Frère, no sentido de ler o *lógos* como *relato* ou *palavra*, mas acrescenta que, nesse caso, seria possível pensar no *lógos* como sua própria obra, o livro *Sobre a Natureza*. Por fim, Kirk (2013) e Reale (2012) parecem buscar uma interpretação menos literal, ampliando sua leitura para compreender o *lógos* como *medida* ou *proporção*, pois ele se mostra como “a regra segundo a qual todas as coisas se realizam” (REALE, 2012, p. 69). É possível perceber, portanto, que o *Lógos*, em Heráclito, se inicia apontando para a *palavra* ou para o *discurso*, sem se restringir a ele, pois tal discurso assume um papel ordenador da realidade.

Independente da interpretação, recorrendo-se ao fragmento 1, compreende-se que Heráclito não se apresenta como inventor do *Lógos*, mas simplesmente como seu intérprete. Nesse sentido, o discurso sobre o *Lógos* não é fruto de uma revelação privada, mas faz do filósofo um autêntico arauto, que expressa seu sentido em linguagem oracular e assume o encargo de anunciá-lo em meio a pessoas que se recusam a ver, assemelhando-se a sonâmbulos:

Este *Lógos*, os homens, antes ou depois de o haverem ouvido, jamais o compreendem. Ainda que tudo aconteça conforme este *Lógos*, parece não terem experiência experimentando-se em tais palavras e obras, como eu as exponho, distinguindo e explicando a natureza de cada coisa. Os outros homens ignoram o que fazem em estado de vigília, assim como esquecem o que fazem durante o sono (frag. 1).

Como força ordenadora e, ao mesmo tempo, oculta na natureza, o *Lógos* se apresenta também como aquilo que é comum, no sentido de universal, e impele à sua compreensão, convida o homem a decifrá-lo. Casertano (2011) relaciona então os termos *comum* (*koinós*) e *inteligência* (*noós*), pois aquilo que é comuníssimo em toda a realidade exige da razão a aplicação para compreendê-lo. Isso, de fato, pode provar ser um verdadeiro drama para a existência de muitos homens, precisamente aqueles incapazes de se aplicar a pensar com o *Lógos*, ou seja, os homens que têm a pretensão de fazer de seu pensamento privado a lei universal. Para Heráclito, deixar de pensar com o *Lógos* significa afastar-se da verdade, mantendo-se preso à aparência da *dóxa*.

Ao atribuir toda essa importância ao *Lógos*, é natural pensar que Heráclito o tenha compreendido como algo *divino* e que transmite uma

lei igualmente divina (frag. 67 e 114) e que, apesar da mudança constante da realidade, ele mesmo não se altera (KIRK, 2013, p. 194). Contudo, não é apenas como sendo divino que Heráclito o caracteriza. Na verdade, ele emprega diversos qualificativos para o *Lógos* ao longo dos seus fragmentos: (i) é regulador da realidade e do movimento (frag. 1 e 30); (ii) é eterno e, por isso, nunca se extingue (frag. 1 e 16); (iii) é comum e reúne em si toda a realidade (frag. 2, 72 e 113); (iv) é uno e o único sábio (frag. 32 e 41); (v) é separado de tudo (frag. 108); e (vi) está na alma, podendo tirá-la da superficialidade (frag. 45 e 115).

Heráclito não identifica apenas esse *Lógos* divino, mas também afirma que cada homem possui o seu *lógos*, sendo seu papel colocá-lo em harmonia com o *Lógos* divino (frag. 9). Essa medida, entretanto, exige esforço (frag. 35). Não há qualquer passividade na perspectiva do intelecto; ele deve se empenhar em buscar a verdade. Ao desconfiar dos sentidos, o homem afasta-se da *dóxa*, escapa ao tipo de surdez que impede de perceber o *Lógos* universal. A realidade é constituída por uma espécie de sistema oculto aos sentidos, uma forma lógica que desafia o homem a pensá-la e a encontrar o seu sentido (*Lógos*). Assim, a verdade é captada pelo *lógos* humano, que deve exprimi-lo sem se deixar contaminar pelas aparências (frag. 107 e 123). Segundo Brun (1991), o essencial é viver conforme a natureza, enunciar e agir de acordo com a ordem estabelecida pelo *Lógos* divino (frag. 112 e 133).

Considerando que o *Lógos* imprime um sistema de ordenação à realidade e que é dever do homem compreendê-lo, coloca-se agora a pergunta sobre a chave de interpretação de tal sistema. Os comentadores mostram-se concordes em afirmar que a unidade dos opostos se apresenta como a autêntica forma de decifrar a realidade. A tendência natural do homem do cotidiano é considerar como separado aquilo que se encontra unido pelo *Lógos*. Coplestone (2021) compreende o *lógos* humano como um momento, uma passagem daquela razão universal, de modo que o homem deve elevar-se para acima de si mesmo a fim de enxergar o que o ultrapassa: perceber a unidade daquilo que, aparentemente, encontra-se distinto.

O fragmento 80 reforça a ideia do conflito entre os opostos: “É necessário saber que a guerra é o comum; e a justiça, discórdia; e que tudo acontece segundo discórdia e necessidade”. Bernhardt (1973) compreende tal poder unificador da guerra como explicação para a unidade dos opostos. Quando as partes estão em guerra, é o próprio conflito que as une; elas estão vinculadas pelo litígio, pois diz-se que ambos os lados estão *em guerra*. Assim também o *Lógos* une aquilo que aparentemente está em oposição, sem que,

com isso, seja preciso renunciar ao movimento e à distinção. Na verdade, a unidade se expressa no movimento: só se chama *rio* ao movimento contínuo das águas (frag. 91).

Não se pode deixar de perceber ainda a semelhança do *Lógos* e do *fogo*, em Heráclito. Se, por um lado, o *Lógos* é descrito em sua função ordenadora, o *fogo* mostra-se como origem de toda a realidade: “Este mundo, igual para todos, nenhum dos deuses e nenhum dos homens o fez; sempre foi, é e será um fogo eternamente vivo, acendendo-se e apagando-se conforme a medida” (frag. 30) e ainda, no fragmento 90: “O fogo se transforma em todas as coisas e todas as coisas se transformam em fogo, assim como se trocam as mercadorias por ouro e o ouro por mercadorias”. Para Kirk (2013), “fogo é forma arquetípica da matéria” (p. 205) e o *Lógos* mostra-se, assim, como um conceito coextensivo com esse constituinte cósmico. Se o fogo constitui todas as coisas, o *Lógos* também ali se faz presente, dando o ordenamento e o sentido a toda a natureza.

É possível perceber com certa clareza a aplicação que os cristãos fizeram da doutrina do *Lógos* de Heráclito. Três autores do período patrístico – dois deles vinculados à Escola de Alexandria – chamam a atenção pelo emprego explícito das ideias heraclíticas: São Justino, São Clemente de Alexandria e Orígenes. Não é por mera coincidência que se trata aqui de três autores patrísticos. Em Alexandria, surgiu uma Escola Catequética responsável por iniciar as tentativas de conciliação entre o pensamento helênico e a mensagem cristã, na sequência do primeiro empreendimento realizado pelo filósofo judeu Fílon de Alexandria, na primeira metade do séc. I d.C.:

Essa tradição de concordismo judeu-helenístico culmina, na própria época de Jesus, com um outro alexandrino ainda, Fílon, o Judeu, que se compraz em fundir estreitamente a herança do Antigo Testamento com a da cultura grega clássica; percebe-se que tais tendências prefiguravam sem equívoco os esforços de São Paulo para aproximar o Cristianismo das filosofias da época (PÉPIN, 1974, p. 28).

Em sua II Apologia, São Justino cita nominalmente Heráclito, afirmando que ele – como outros filósofos pagãos – possuía a *semente do Verbo*, ou seja, foi capaz de expressar uma parcela da verdade anunciada por Jesus Cristo, embora não o tenha conhecido. Para Justino, os cristãos deveriam se esforçar para viver conforme o *Lógos*. São Clemente compreende o *Lógos* como o intelecto divino, capaz de abranger em uma unidade todas as coisas,

sendo assim o *um-tudo*. Orígenes expressa claramente, em seu *Tratado sobre os Princípios*, que o mundo fora criado pelo *Lógos*, do qual todas as coisas devem participar de alguma maneira.

Parece, portanto, que a compreensão do *Lógos* como uma conjugação de lei ordenadora e sentido ou razão da realidade pode ser deduzida dos escritos de Heráclito, mantendo a ressonância na mensagem cristã. Nesse sentido, “o *Lógos* é a lei universal dos acontecimentos que governa todas as coisas e é simultaneamente a explicação racional desta lei que Heráclito oferece em seu livro” (CASERTANO, 2011, p. 107). Paradoxalmente, como apreciava o Efésio, o *Lógos* é apresentado como o sentido que ultrapassa o homem e uma ordenação que se encontra inscrita em cada ser. Esse, portanto, pode ter sido o quadro conceitual conservado por São Paulo ao escrever sua carta aos Efésios.

O *Lógos* presente na Carta aos Efésios

Como mencionado na introdução deste artigo, São Paulo emprega o termo *lógos* em quatro perícopes da Carta aos Efésios: 1,13; 4,29; 5,6; e 6,19. Embora não seja possível ligar incontestavelmente as referências paulinas a Heráclito, pensador originário da doutrina do *Lógos*, a exegese bíblica recente parece aceitar tal internalização ou cristianização de conceitos filosóficos à luz do que buscou realizar Filon de Alexandria:

O estudo recente de Ef tem enfatizado suas conexões com o mundo do judaísmo helenístico e, em particular, seu contato estreito com um tipo de judaísmo representado pelos manuscritos do Mar Morto. Ideias como a cosmovisão de Ef, o homem cósmico e a especulação sobre o *lógos* e o matrimônio sagrado podem também estar relacionadas com a especulação filosófica representada por Filon de Alexandria (KOBELSKI, 2015, p. 620).

Não deixa de causar admiração a contiguidade do emprego do termo *lógos* no texto paulino aos Efésios. Em dois desses trechos, 4,29 e 5,6⁸, São Paulo refere-se simplesmente a um *lógos* humano, um *falar inconveniente* ou ao uso de *palavras vãs*. Contudo, na perícope de Ef 1,13⁹, ao final do hino

-
- 8 “Não saia dos vossos lábios nenhuma palavra inconveniente, mas, na hora oportuna, a que for para edificação, que comunique graça aos que a ouvirem” (Ef 4,29).
 “Ninguém vos engane com palavras vãs, porque por essas coisas vem a ira de Deus sobre aqueles que a ele resistem” (Ef 5,6).
- 9 “Nele também vós, tendo ouvido a Palavra da verdade – o evangelho da vossa salvação – e nela tendo crido, fostes selados pelo Espírito da promessa, o Espírito Santo” (Ef 1,13).

crisológico, o Apóstolo refere-se ao *Lógos* como a Palavra da Verdade, o próprio anúncio da salvação cristã, que, por certo, não provém de um intelecto humano, mas mantém sua origem divina – tal como Heráclito pensa a origem do seu *Lógos* divino. Por fim, na passagem de 6,19¹⁰, o Apóstolo pede que os efésios orem por ele a fim de que lhe seja concedido o *Lógos* para anunciar o evangelho, o que recorda Heráclito, em seu já citado fragmento 50: o *Lógos* não provém do filósofo, sendo ele um canal para a expressão desse sentido mais elevado.

Conclusão

Ao final do hino crisológico com que abre a Carta aos Efésios, São Paulo fala sobre a *Palavra da Verdade*, a que se puseram a ouvir os membros dessa primitiva comunidade cristã. Aplicando assim o termo *lógos* em um texto direcionado aos habitantes de Éfeso, o autor naturalmente traz à memória a doutrina de outro ilustre cidadão: Heráclito, que, mais de cinco séculos antes, ensinara que o homem só pode chegar à verdade da natureza quando coloca o seu pensamento em conformidade com aquela lei que organiza e rege todo o cosmos – o *Lógos*.

O pensamento filosófico de Heráclito sobreviveu ao decurso do tempo a partir de breves fragmentos de uma obra que, originalmente, teria por título *Sobre a Natureza*, na qual o autor teria exposto seu pensamento acerca do universo, da política e da divindade. A partir desses fragmentos, é possível perceber que Heráclito parte do mobilismo. Toda a natureza se mantém em constante movimento e, quando se eleva o pensamento para além do dado sensível, é possível perceber a unidade daquilo que aparentemente está em oposição. A unidade dos opostos, portanto, mostra-se como a tese central do pensamento heraclitiano.

Heráclito vai além, e percebe no componente *fogo*, e em sua imagem jamais estável, o elemento primordial de onde se origina e pelo qual se consumará a natureza. Tudo isso ocorre, segundo o autor, mediante uma ordenação fixada pelo *Lógos*. O filósofo de Éfeso retornará ao tema do *Lógos* em mais de vinte dos seus fragmentos remanescentes. E, embora a interpretação desse termo esteja sempre aberta à discussão crítica, foi possível perceber que o *Lógos* assume características de divindade; congregante e regulador da realidade e

10 “Orai também por mim, para que, quando abrir os lábios, me seja dada a palavra para anunciar com ousadia o mistério do evangelho” (Ef 6,19).

do movimento; eterno; uno em si e único sábio; separado de tudo; e presente na alma, sendo capaz de dar-lhe profundidade.

A concepção de Heráclito acerca do *lógos* não apenas como mera *palavra*, mas como *razão ordenadora* encontrou ampla acolhida entre os autores judaico-cristãos. Ainda que pela provável intermediação de Filon de Alexandria, diferentes autores cristãos aplicarão o *Lógos* para referir-se ao Deus cristão. Com isso, embora não seja possível asseverar o recurso de São Paulo diretamente ao pensamento de Heráclito, a partir dos dados aqui apresentados, parece plausível perceber a intenção do Apóstolo dos gentios em fazer uso do termo *lógos* em um ambiente já bastante familiarizado com tal referência.

Referências

BARADO, Iñigo Eguaras. Influencia irania en el pensamiento griego. In: **¿El fin de la razón?:** I Jornada de Filosofía SOFIRA. Universidad de La Rioja, 2014. p. 11-30. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4867713.pdf>. Acesso em 7 jun. 2023.

BERNHARDT, J. O Pensamento Pré-Socrático. In: CHÂTELET, François. **História da Filosofia: A Filosofia Pagã**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

BÍBLIA de Jerusalém. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2002.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Étienne. **História da Filosofia Cristã**. 13ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

BORNHEIM, Gerd (org.). **Os filósofos pré-socráticos**. São Paulo: Cultrix, 1985.

BRUN, Jean. **Os Pré-Socráticos**. Lisboa: Edições 70, 1991.

CASERTANO, Giovanni. **Os Pré-Socráticos**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

COLLI, Giorgio. **O Nascimento da Filosofia**. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

COPLESTONE, Frederick. **Uma História da Filosofia**. Vol. 1. Campinas: Vide Editorial, 2021.

FRÈRE, Jean. Heráclito. In: HUISMANN, Denis. **Dicionário dos Filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 485-491.

HEGEL, Georg W. F. Preleções sobre a História da Filosofia. In: SOUZA, José Cavalcante (org.). **Os Pré-Socráticos: fragmentos, doxografia e comentários**. (Coleção

- Pensadores) São Paulo: Editora Nova Cultural: 1999.
- HUSSEY, Edward. Heráclito. In: LONG, A. A. (org). **Primórdios da Filosofia Grega**. Aparecida: Ideias e Letras, 2008, p. 139-166.
- JUSTINO DE ROMA. **I e II Apologias**. São Paulo: Paulus, 1995.
- KAHN, Charles. **A Arte e o Pensamento de Heráclito**. São Paulo: Paulus, 2009.
- KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. **Os Filósofos Pré-Socráticos**: história crítica com seleção de textos. 8ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- KOBELSKI, Paul. Carta aos Efésios. In: BROWN, R.; FITZMYER, J.; MURPHY, R. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**. São Paulo: Academia Cristã, Paulus, 2015, p. 617-631.
- KOJËVE, Alexandre. **Introdução à Leitura de Hegel**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.
- LAÉRCIO, Diógenes. **Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres**. 2ª ed. Brasília: Editora UnB, 1997.
- MORESCHINI, Claudio. **História da Filosofia Patrística**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- ORÍGENES. **Tratado sobre os Princípios**. São Paulo: Paulus, 2012.
- PÉPIN, Jean. Helenismo e Cristianismo. In: CHÂTELET, François. **História da Filosofia: A Filosofia Medieval**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.
- REALE, Giovanni. **Pré-Socráticos e Orfismo**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- SILVA, Jackson Câmara. A filosofia greco-helenística como ponto de encontro entre Paulo e Agostinho na obra **A Ordem**. In: SEMANA NACIONAL DE TEOLOGIA, FILOSOFIA E ESTUDOS DA RELIGIÃO, 3, 2021. **Anais [...]**. 2021. p. 132-139. Disponível em: <https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-afd1b67bd15e030b657e2994c07c8ec3016e6b73-arquivo.pdf>. Acesso em: 15 mai 2023.

Como citar:

ARRUDA, L. C. R.; PERES, Dom Tomás, OSB. O *Lógos* entre os Efésios: fundamentos filosóficos da doutrina do *lógos* em Heráclito, *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 22, n. 43, p. 123-138, jan./jun. 2023. DOI:<http://dx.doi.org/10.31607/coletaneav22i43-2023-5>